

Editorial

O oitavo número da revista *Marx e o Marxismo – Revista do NIEP-Marx* é lançado poucos dias após a segunda greve geral contra as contrarreformas trabalhista e da previdência no Brasil. A dramática situação do país desnorreia o mais distraído analista, mas não impede a proliferação de análises apologéticas, apressadas, absurdas, em particular no terreno ideológico diretamente comprometido com o evidente avanço do capital sobre o mínimo que lhe escapou no já tão combalido, como voraz, capitalismo brasileiro. No campo crítico, particularmente no campo marxista, encontram-se análises de bom quilate, cuja tônica política oscila entre a tentativa de estimular uma frente ampla contra a barbárie pró-capital, impetrada pela cleptocracia estabelecida nos mais altos poderes do país, e a estupefação pela incapacidade prática de constituir em prazo exequível esta indispensável frente.

Trata-se, sem sombra de dúvidas, de uma contradição. Aliás, apenas de uma contradição, pois o Brasil atual é tão contraditório que, se fosse realmente possível haver conversões teórico-ideológicas em massa, não restaria um único pensador positivista no país; todos já teriam reconhecido o mérito da dialética. O país está numa crise profunda, com potencial para escrever seu nome na extensa lista de tragédias econômicas que acometeu a história brasileira. Num cenário catastrófico como esse, seria de se esperar que se movesse ao menos o pensamento reformista. Não parece ser o caso.

Por outro lado, partidos de esquerda mobilizadores e sindicatos fortes e atuantes, com centrais agregadoras, nunca foram tão necessários. Como obstáculo do passo da necessidade à efetividade, encontra-se uma crise duradoura de partidos e sindicatos (não apenas no país, e não apenas na esquerda), além de desconfianças acumuladas por décadas de acusações, mais ou menos justas, mas reais de sectarismo, rendição ao inimigo, vanguardismo, entre outras ainda menos nobres. É verdade que a paciente convivência entre grupos diversos na greve geral do último dia 30 e a volta efetiva das bandeiras da esquerda nos últimos movimentos de rua trouxeram uma vela ao fim do túnel, mas a distância para uma efetiva atuação conjunta ainda parece intransponível.

Seria possível desfiar essa fileira de contradições por páginas a fio, mas o que importa aqui ressaltar é que uma quadra histórica assim constituída é com-

plexa demais para ser desvendada por uma análise superficial ou unilateral. Talvez alguns dos processos mais relevantes do atual momento histórico ainda não tenham alcançado sua maturidade, de maneira que a cautela analítica é conveniente. O que não significa, entretanto, que nada possa ser dito da atual conjuntura brasileira. Primeiro, talvez estejamos vivenciando a época da mais voraz atuação do capital sobre o trabalho. A dimensão da crise econômica parece provocar nas personificações do capital no país reações realmente históricas. Propõe-se abertamente, sem qualquer pudor, a absoluta supressão de direitos duramente conquistados, a pura e simples eliminação dos já precários aparatos de proteção social, a privatização de absolutamente tudo, sobretudo espaços e fundos públicos.

Segundo, não é preciso ter bola de cristal para saber que isso tende a provocar, rapidamente, uma calamidade social, um efetivo genocídio. Em cerca de três anos de crise declarada, irrefutável (após outros tantos de crise mascarada estatisticamente), já são evidentes nas ruas e nas casas o avanço da miséria, do temor individual e familiar, da ausência de perspectivas.

Também não é preciso ser um genial analista para antever que um cenário como esse é parteiro de barbáries de toda ordem. E que barbáries de toda ordem são respondidas, na sociedade burguesa, com mais barbárie, em geral sob as fardas policial e militar, geralmente com amparo das togas. Trata-se de uma barbárie de classe, evidentemente, contra a classe trabalhadora, em particular suas frações mais subalternas. Na semana em que essa edição da revista é lançada, um homem foi queimado vivo em Madureira, no Rio de Janeiro, por ter roubado uma bolsa. Enquanto isso, o STF discute sobre a pertinência da prisão de declarados ladrões de bilhões de reais, euros ou qualquer unidade monetária mais representativa. Ladrões que saquearam os cofres públicos como contrapartida de aprovar, no Congresso, legislações radicalmente favoráveis ao grande capital e de provê-lo de prebendas de toda ordem.

É possível, portanto, dizer algo sobre o que se passa e dizê-lo com embasamento na realidade concreta. No campo marxista, a tradição é que esse embasamento seja também teórico, evitando, portanto, a falsa antinomia insuperável entre abstração e concretização. Muitos dos artigos da atual edição, ainda que não tratem especificamente do caso brasileiro atual, trazem ensinamentos que contribuem para a reflexão. Acreditamos que isso fique claro já na descrição do conteúdo desta edição.

O primeiro artigo publicado nesta edição é “A última viagem do Mouro”, artigo de Marcello Musto que discorre sobre os últimos anos de vida de Karl Marx, após a morte de sua companheira Jenny von Westphalen. O autor retrata sua luta contra a debilitante doença pulmonar em meio a seus esforços para continuar o trabalho de *O Capital*; o relacionamento com as filhas, os genros e, claro, Engels; seus interesses intelectuais e suas inquietações políticas. Destaque para a des-

criação da estada de Marx na Argélia, único momento da vida em que o Mouro afastou-se da Europa, rarissimamente abordado.

Em seguida, apresentamos o artigo “Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho”, de autoria de Virgínia Fontes, que analisa as múltiplas configurações assumidas pelo trabalho na atual fase de expansão do capitalismo, focando-se na expropriação secundária dos contratos de trabalho, tomando como exemplo a empresa Uber.

Também se debruçando sobre o capitalismo contemporâneo, Raquel Varella e Valerio Arcary contribuem com o ensaio “Crises econômicas, regressão histórica e conflitos sociais”, que versa sobre as causas e consequências da grande crise de 2008, destacando sua relação com o fim do pacto social vigente até então nos Estados europeus ocidentais.

Ainda na trilha dos desdobramentos do capitalismo contemporâneo, encontra-se o artigo “Controle social e planejamento urbano: Uma reflexão sobre os processos neoliberais e neodesenvolvimentista de cidadania participativa na conjuntura pós-Estatuto das Cidades”, de Richard Lins Nogueira e Carolina Laurindo Basso. Os autores buscam mostrar como as políticas públicas que visariam estimular a participação mais ampla do cidadão no planejamento das cidades (como o “orçamento participativo”) no Brasil estão sendo pautadas sob o neoliberalismo e o neodesenvolvimentismo e terminam mascarando os conflitos de classe na produção social do espaço urbano.

O penúltimo texto, “Traduttore traditore? Gramsci ‘in’ English – As antinomias de Perry Anderson”, de Roberto della Santa Barros, trata da difusão do pensamento gramsciano no marxismo britânico, com especial ênfase na segunda geração da *New Left Review* e, em especial, na tradutibilidade de Gramsci na Inglaterra nos estudos “Origins of the present crisis” e “As antinomias de Antonio Gramsci”, ambos da lavra de Perry Anderson, partindo do reconhecimento do papel-chave desempenhado por este.

Encerrando a seção de artigos, João Bernardo, com “Cereais e Estado”, brinda-nos com uma análise marxista sobre o mundo pré-capitalista: a partir da constatação, de vários estudos, de que a emergência do Crescente Fértil, com as cidades-estados e os primeiros impérios, constituiu apenas um dos resultados da domesticação de plantas, o autor elabora a hipótese de que o cultivo de cereais acabou se tornando preponderante quando a classe que progressivamente se afirmava como dominante orientou a seleção das plantas a domesticar, favorecendo as que pudessem ser conservadas por mais tempo, criando as bases para a sua reprodução e para a reprodução alargada da diferenciação social.

Na seção *Notas críticas*, são apresentadas duas resenhas de livros. Eleutério Prado tece uma crítica ao livro de Fred Moseley, *Money and Totality: A macro-monetary interpretation of Marx's logic in Capital and the end of the “transformation problem”*, que analisa o problema da transformação de valores em preços

de produção que supostamente existiria na teoria de Marx. Glauber Lopes Xavier, por seu turno, apresenta *Independência e unidade latino-americana*, pequena coletânea de escritos políticos de Simon Bolívar, relacionando-os com a questão que, até hoje, ronda a América Latina – o imperialismo.

No ano em que se celebra os 100 anos da Revolução Russa, a seção *Luta e memória* reproduz o documento “Os perigos profissionais do poder”, carta de Christian Rakovski, escrita em agosto de 1928, em que realiza uma análise crítica do processo de burocratização do partido e do regime soviético, apontando para o que encara ser uma mudança qualitativa de ambos. Inédito em português, foi traduzido por Marcio Lauria Monteiro a partir da primeira versão que veio a público, em francês, conforme republicada, em 1984, pelos *Cahiers Leon Trotski*. Precede o documento – imprescindível para pensar a experiência soviética e novos rumos para a emancipação humana da tirania do capital em tempos tão conservadores – uma contextualização preparada pelo próprio tradutor da versão em português.

Boa leitura!